

CIDADE PARA QUEM? UMA ANÁLISE DA ARQUITETURA HOSTIL E SUA INFLUÊNCIA NO ESPAÇO URBANO

RAMPASI, Natalia de Lara¹
OLDONI, Sirlei Maria²

RESUMO

Esta pesquisa, que faz parte do Trabalho de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, teve como objetivo analisar a chamada arquitetura hostil e como ela pode interferir na utilização do espaço público nas cidades contemporâneas. Assim, o trabalho teve como problema de pesquisa identificar se existe a arquitetura hostil em cidades de médio porte, por meio do estudo de caso realizado na cidade de Cascavel/PR. A base para o trabalho foi a pesquisa bibliográfica acerca do tema. A análise fundamenta-se através da metodologia de pesquisa de campo por meio da coleta de dados quantitativos e qualitativos obtidos nas visitas *in loco* realizadas em três diferentes recortes: o primeiro, no bairro Centro onde foram observados os mobiliários e dispositivos hostis; no segundo recorte foram identificados os enclaves fortificados e, por fim, no último recorte estão indicados os viadutos. O tema justificou-se nos âmbitos social, cultural e acadêmico, pois pode influenciar a reflexão e futuros debates a fim de modificar a situação atual da sociedade, incentivando a construção de cidades inclusivas e acessíveis para todos.

Palavras-chave: Arquitetura hostil. Enclaves fortificados. Espaço urbano. Segregação social.

CITY FOR WHO? AN ANALYSIS OF HOSTILE ARCHITECTURE AND YOURS INFLUENCE IN URBAN SPACE

ABSTRACT

This research, which is part of the Architecture and Urbanism Course Work at the Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, aimed to analyze the hostile architecture and how it can interfere in the use of public space in contemporary cities. Thus, the article had as a research problem to identify if there is hostile architecture in medium-sized cities through the case study applied in the city of Cascavel/PR. The foundation for the article was the bibliographic research. The analysis is based on the field research methodology through the collection of quantitative and qualitative data obtained from on-site visits realized in three different cuts: the first in the Centro neighborhood, where were observed hostile furniture and devices; in the second cut the fortified enclaves were identified and finally in the last cut the viaducts are designated. The theme is justified in the social, cultural and academic areas as it can influence the reflection and future debates in order to modify the current situation of society, inciting the construction of inclusive and accessible cities for all.

Keywords: Hostile architecture. Fortified enclaves. Urban space. Social segregation.

¹ Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. E-mail: nataliarampasi@hotmail.com

² Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Assis Gurgacz, Cascavel/PR. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura, conforme Dias (2010, p. 4), é a história do ser humano, desde o princípio, quando era necessário se esforçar para conseguir um abrigo; assim, a arquitetura é toda a história da civilização. Glancey (2001, p. 7) reforça dizendo que “em sua melhor forma, a arquitetura, que é diferente do mero edificar, eleva nossos espíritos e nos emociona; na pior, ela nos diminui, apesar de nunca poder realmente fazê-lo”.

Por sua vez, Gympel (2001, p. 6) aponta que outro fator que torna a arquitetura diferente das outras artes é a segurança – isso porque, as construções são um abrigo contra as intempéries e perigos externos. No decorrer da pesquisa, será possível notar como essa afirmação é válida, uma vez que a segurança hoje é considerada um dos aspectos mais importantes no desenvolvimento das cidades.

Nesse sentido, pretendendo analisar a arquitetura e sua relevância para a sociedade a pesquisa tem como assunto a influência da arquitetura hostil no espaço urbano onde dentro de tal assunto, tem-se como tema as cidades contemporâneas.

O trabalho apresenta as estratégias, artefatos e mobiliários implantados para a limitação do uso do espaço urbano e edificações, funcionando como uma “limpeza social³”. O estereótipo de que a violência está relacionada aos mais pobres auxilia na propagação da arquitetura hostil. A criminalização e a repulsa pela aparência física são fatores que acentuam o preconceito e a anulação desses indivíduos perante a sociedade, que conseqüentemente dá origem a segregação urbana, banindo o direito coletivo à cidade.

O artigo tem como objeto de estudo a cidade de Cascavel/PR, que está localizada na região Oeste do estado do Paraná a quase 500 km da capital Curitiba. A cidade teve início sua colonização em meados do século XVIII, por meio do tropeirismo – fenômeno caracterizado pelo grande fluxo migratório de pessoas vindas dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (SPERANÇA, 2002). Contudo, o povoamento da área aconteceu efetivamente a partir de 1910, com a chegada dos descendentes de imigrantes eslavos, no período do ciclo da erva-mate (CASCAVEL, s/d b). Atualmente, com 68 anos de emancipação, a cidade é o polo econômico da região, sendo reconhecida como a Capital do Oeste do Paraná. A soja, o trigo e o milho são alguns dos principais produtos cultivados, correspondendo a 26% da produção de grãos do estado; além disso, a avicultura, bovinocultura e suinocultura dão destaque à economia (CASCAVEL, s/d a). Dessa forma, Cascavel possui influência econômica sobre as demais cidades que fazem limite territorial

³ De acordo com Silva (2017, p. 35) “as práticas de limpeza social ocorrem através da eliminação e realocação de sujeitos socialmente indesejáveis, aqueles que compõem as camadas socioeconômicas menos favorecidas e que, na maioria das vezes, são colocados à margem da sociedade”.

com o município, como Tupãssi, Cafelândia, Toledo, Corbélia, Boa Vista da Aparecida, Catanduvas, Lindoeste e Santa Tereza do Oeste (VALMORBIDA, 2012, p. 32). De acordo com as estimativas do IBGE (2019), Cascavel é a quinta⁴ cidade mais populosa do estado, possuindo 328.454 habitantes.

De acordo com Leite (2016, p. 5), o acelerado crescimento e expansão dos setores de prestação de serviços como saúde, educação, empregos e a ampliação do comércio na cidade de Cascavel corroboram a ideia de que a expansão e o desenvolvimento do município estão conectados, o que pode ser um equívoco já que “enquanto fenômeno social, a noção de desenvolvimento não corresponde diretamente aos avanços econômicos ou a uma posição de destaque na região”. Segundo a Secretaria Municipal de Planejamento (SEPLAN), a maior carência em relação à infraestrutura urbana, no quesito esgotamento sanitário, acontece majoritariamente nos bairros da região Norte da cidade e alguns bairros da região Sul, ocorrendo normalmente em zonas loteadas após o ano de 2010; contudo, áreas loteadas desde a década de 1960 e 1980 seguem com infraestrutura carente. A falta de água e esgoto foi identificada em locais com menor densidade demográfica dentro das áreas periféricas, enquanto na área central, ocorre o oposto: a carência está nas zonas com maior densidade (CASCAVEL, 2016). Mesmo com a evolução desses índices, Cascavel ainda tem inúmeras desigualdades que refletem nas condições de vida dos seus habitantes, afetando alguns grupos, favorecendo o surgimento dos moradores de rua (LEITE, 2016, p. 7). Segundo o secretário Hudson Moreschi, da Câmara de Cascavel, atualmente não é possível saber o número exato de moradores de rua que vagam pela cidade; o que se sabe é que existe um grupo fixo de pelo menos 100 pessoas e muitas outras ocasionalmente se encontram nessa situação de rua (CASCAVEL, 2019). Cabe ressaltar, que nem todas são cascavelenses; muitas são andarilhos e artistas que vêm de cidades vizinhas em busca de melhores oportunidades (CATVE, 2019).

Assim, o problema da pesquisa busca identificar se é possível notar a arquitetura hostil na Cidade de Cascavel/PR e quais as suas consequências? A partir do problema, foram formuladas duas hipóteses: a primeira delas, é que a arquitetura hostil existe, mas em uma pequena escala e a segunda hipótese, é que a arquitetura hostil existe por conta da violência e do crime e suas consequências são a propagação da segregação socioespacial.

Como objetivo geral, a pesquisa pretende constatar se há arquitetura hostil nas cidades de médio porte⁵ e como ela afeta a construção de cidades inclusivas e acessíveis para todos. Para isso,

⁴ Segundo o ranking de 2019, a 1ª cidade mais populosa do Paraná é a capital Curitiba, em 2º é a cidade Londrina, no 3º lugar vem a cidade de Maringá e em 4º lugar a cidade de Ponta Grossa (GAZETA DO POVO, 2019).

⁵ Conforme a Estimativa Populacional do IBGE (2019), a cidade de Cascavel possui 328.454 habitantes, o que permite classificá-la como uma cidade de médio porte.

foram formulados os seguintes objetivos específicos: I. apresentar os conceitos e origens da arquitetura hostil; II. mostrar os artefatos (mobiliários, barreiras físicas, etc.) que tem a finalidade de coibir o uso de determinados espaços; III. realizar a pesquisa de campo na cidade de Cascavel/PR; IV. mapear elementos que caracterizem a hostilidade da cidade; V. analisar os dados e informações obtidos na pesquisa de campo; VI. analisar as consequências para a cidade pesquisada; VII. responder o problema da pesquisa, validando ou refutando a hipótese inicial.

Desta forma, o artigo está organizado em 4 etapas: adiante apresenta-se a metodologia do trabalho, em seguida é realizada a revisão bibliográfica com foco no tema, que apresenta os dispositivos, mobiliários e estratégias hostis. Depois disso, na penúltima etapa é feito um estudo de caso na cidade de Cascavel/PR para identificar se há arquitetura hostil no município e por fim as considerações finais da pesquisa.

2 METODOLOGIA

Através da pesquisa bibliográfica se apresentam os elementos da arquitetura hostil e também como ela se caracteriza nas grandes cidades. Nesse sentido, com o suporte da fundamentação, a análise aplicada para a identificação da existência da arquitetura hostil e suas consequências, se deu a partir de três etapas, duas quantitativas e uma qualitativa. O método quantitativo se dá por meio da quantificação de dados ou opiniões através de coleta ou entrevistas, ou também pode ser feita com técnicas e recursos de estatísticas (OLIVEIRA, 2002, p. 155). Já o método qualitativo demonstra a diversidade, considerando as várias formas de comunicação humana e até mesmo do comportamento, artefatos culturais e simbologias, deixando em segundo plano os números e as estatísticas (GIBBS, 2009, p. 17).

As três etapas de análise são apresentadas a seguir:

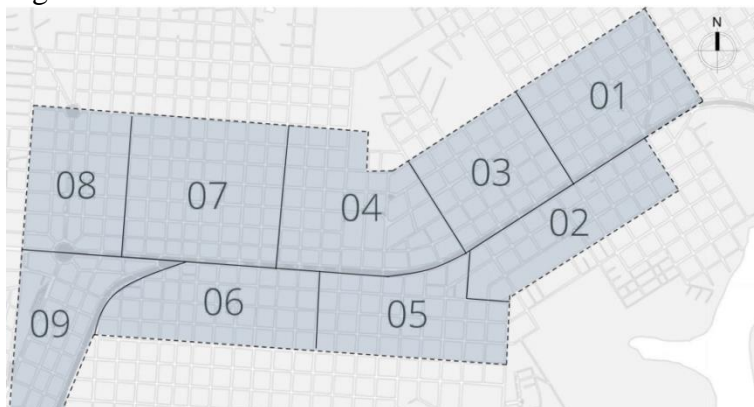
1ª Etapa: trata-se da classificação das três categorias do estudo, previamente assim definidas, com o suporte da fundamentação teórica, e com a intenção de observar como a arquitetura hostil pode ser adaptada e implantada em diferentes locais: na 1ª Categoria são observados os mobiliários e artefatos hostis no bairro Centro; na 2ª Categoria os enclaves fortificados do município são analisados e na 3ª Categoria são examinados os 11 viadutos existentes na cidade.

2ª. Etapa: apresenta os recursos e métodos empregados para a pesquisa de campo, cujas informações obtidas foram sintetizadas em quadros, de maneira quantitativa.

1ª Categoria: Mobiliários urbanos e artefatos hostis. Nessa categoria cabe ressaltar que o estudo leva em consideração todas as categorias de mobiliários e artefatos fixos. A única exceção são os bloqueios de passagem que por tratar-se de elementos móveis não podem ser analisados, uma vez

que poderia ocorrer divergência entre os dados obtidos pelo *Google Street View* e a constatação dos mesmos *in loco*. É necessário reforçar que existe uma linha tênue entre o que é arquitetura hostil ou não, porque, como exposto previamente, muitas estratégias são sutis e imperceptíveis como, por exemplo, o uso da vegetação; desse modo, em muitos casos, não é possível classificá-la como hostil. Portanto, nesta pesquisa o levantamento leva em conta apenas os mobiliários e artefatos hostis cujo objetivo de repelir as pessoas – em especial os moradores de rua – está explícito e evidente. Com uma área de aproximadamente 6,3km² de extensão para auxiliar na pesquisa, o perímetro da análise foi dividido em nove recortes menores (figura 1), possibilitando a constatação dos pontos com mais clareza e exatidão. Em cada uma das 332 quadras do Centro foi observa-se por meio do *Google Street View* com o propósito de percorrer com mais agilidade o percurso a ser analisado. Através da ferramenta aponta-se com precisão os locais onde se encontram as estratégias hostis, podendo assim realizar o levantamento quantitativo.

Figura 1 – Recortes das áreas de análise dos mobiliários e artefatos hostis.



Fonte: GeoPortal (2020), organizada pela autora.

2ª Categoria: Enclaves fortificados. Inicialmente examina-se através da ferramenta do *Google Street View*. Destaca-se que para a pesquisa leva-se em consideração apenas os condomínios fechados com residências de alto padrão; em relação aos shoppings centers e centros comerciais foram avaliados os considerados de maior relevância para a cidade.

3ª Categoria: Viadutos. Mediante visita nos locais indicados, constata-se se existem indícios de estratégias hostis sob os viadutos com o propósito de afastar as pessoas; e sintetiza-se em um quadro.

3ª Etapa: a última etapa é a qualitativa na qual analisa-se as consequências da arquitetura hostil presente no espaço urbano.

1ª Categoria: Mobiliários urbanos e artefatos hostis. Examina-se a interferência dos elementos hostis em uma escala de zero a cinco de modo que: zero – nenhuma, um – muito baixa, dois –

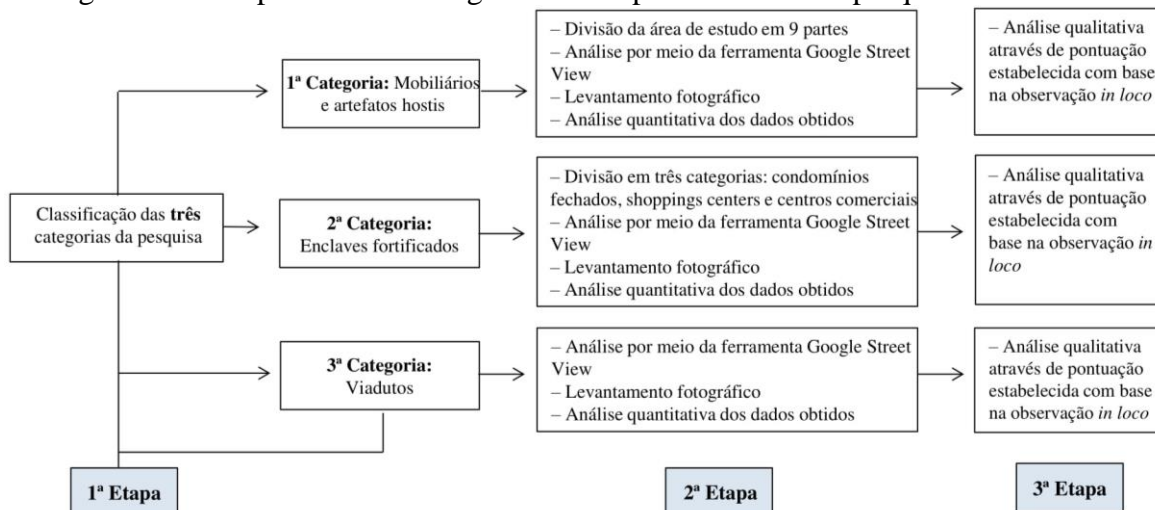
baixa, três – média, quatro – alta e cinco – muito alta. Sendo assim, quanto mais alto o valor, maior será a sua interferência no espaço urbano. Ressalta-se ainda que essa pontuação foi estabelecida com base no método fenomenológico que tem como intuito expor os dados e esclarecê-los através da intuição, sem considerar se os dados são de fato reais ou fictícios (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 36). Isto é, a autora do trabalho, após observação *in loco*, define a classificação adequada.

2ª Categoria: Enclaves fortificados. Avalia-se com base no instrumento de análise de Dias e Jesus (2019), para quantificar a presença de elementos hostis nas edificações. O instrumento de análise consiste em uma pontuação de 0 a 10: a parte dos elementos arquitetônicos soma até seis pontos e a de elementos de segurança até quatro pontos. O nível de hostilidade ficou assim estabelecido: zero – nenhum - um a dois, muito baixo, três a quatro – baixo, cinco a seis – médio, sete a oito – alto, nove a 10 – muito alto.

3ª Categoria: Viadutos. A análise dessa categoria é a mesma da 1ª Categoria. Em uma escala de zero a cinco de modo que: zero – nenhuma, um – muito, dois – baixa, três – média, quatro – alta e cinco – muito alta.

Para simplificar a metodologia adotada foi elaborado o fluxograma 1, indicando as etapas realizadas.

Fluxograma 1 – Etapas da metodologia utilizada para a análise da pesquisa.



Fonte: Elaboração da autora (2020).

3 REFERENCIAL TÉORICO

3.1 A ARQUITETURA HOSTIL

A expressão Arquitetura hostil tem sua origem datada de 2014, pelo repórter Ben Quinn, em uma matéria para o jornal inglês *The Guardian* (SOUZA e PEREIRA, 2018). Savicic e Savic

(2014) apresentaram expressão “*Unpleasant Design*”, no mesmo período, na cidade de Londres. Em português, ela pode ser traduzida como "Design desagradável". O conceito da arquitetura hostil também pode ser nominado como arquitetura antimendigo, arquitetura da violência ou arquitetura do medo. Rosaneli (2019, p. 224) coloca que todas essas expressões estão associadas ao “fenômeno de proteção, fortificação e afirmação social de status, que geram segregação, exclusão, conflitos e alterações estéticas no ambiente urbano e conduzem os usos do espaço público”.

Ferraz *et al* (2015, p. 113) estabelece que a arquitetura hostil é desumana, caracterizada por artefatos implantados ou construídos para ocupar vãos das cidades e edificações. Essa prática desconsidera o direito coletivo à cidade e cada vez mais se prolifera pelo mundo, agindo como uma intervenção de limpeza urbana por meio dos bancos antimendigos, espetos e gradis, pedregulhos e até mesmo o paisagismo espinhoso.

Para Tavares (2012, p. 3), esse tipo de arquitetura não está relacionado apenas com as mudanças físicas no espaço urbano como a inserção de cercas elétricas, muros, grades e dispositivos de vigilância; a arquitetura do medo é uma relação entre a sociedade e a cultura do medo que por consequência, materializa a necessidade de segurança por meio desses artifícios, condicionando as relações humanas. Essa categoria de arquitetura pode ser considerada também arquitetura indesejável, porque além de afastar os mendigos, esses elementos são usados para remover outros grupos sociais malvistas pelas sociedades como, por exemplo, os usuários de droga, os ambulantes e os jovens (MELGAÇO, 2010, p. 120). Andreou (2015) exprime que essas medidas não afetam somente os despossuídos, mas também afetam os idosos, enfermos e gestantes que são impossibilitados de descansar em um abrigo de ônibus, por exemplo. Esse tipo de arquitetura é uma prova que atualmente vivemos uma época em que as pessoas são intolerantes com o próximo ou com qualquer sujeito que não se encaixe nos padrões da sociedade (MELGAÇO, 2010, p. 129).

Nas palavras de Andreou (2015), esse tipo de arquitetura é revelador de várias formas, porque não é um produto resultado de um acidente ou falta de consideração, e sim, um processo de criação no qual pessoas são responsáveis por projetar, aprovar e financiar esse tipo de crueldade com o motivo de excluir.

1.3.1 Artefatos e dispositivos hostis

Rosaneli (2019, p. 239) classifica os elementos da arquitetura hostil em três grupos: o primeiro abriga os bloqueios que fazem apropriação do espaço público como a utilização de mesas e cadeiras de maneira restrita; o segundo engloba os mobiliários urbanos (vasos de plantas, lixeiras, espetos e esguichos de água) projetados de maneira hostil e que geralmente são colocados em frente

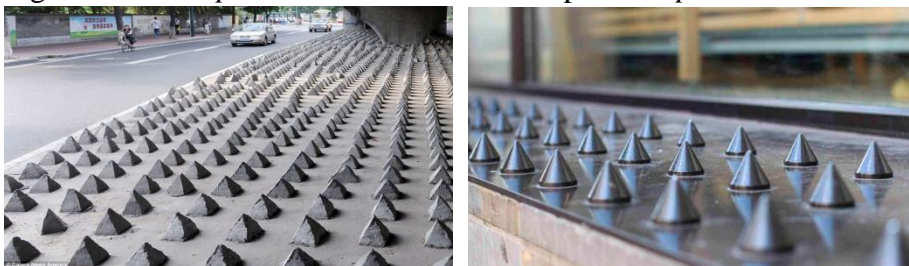
ao comércio; e o terceiro, que são as grades. As grades podem ainda ser subdivididas em grades de meia quadra, grades de edifícios e grades de esquina.

Os bloqueios (mesas e cadeiras) podem ser definidos como uma extensão das áreas privadas que acabam restringindo a circulação das pessoas pelo passeio público; geralmente, isso acontece por meio de mesas e cadeiras que são dispostos em locais comerciais que ocupam esse espaço temporariamente – em horário comercial – limitando a sua utilização aos usuários do estabelecimento. Todavia, é possível encontrar locais onde essas instalações são permanentes, indicando a intenção de se apropriar do espaço, desconsiderando o bem coletivo (ROSANELI, 2019, p. 240).

O avanço das grades sobre as calçadas também é uma apropriação do espaço público em detrimento da proteção privada e benefício particular (principalmente aquelas instaladas na frente de prédios residenciais), impedindo a passagem dos transeuntes (FERRAZ *et al*, 2005, p. 6).

Petty (2016) apresenta um dos dispositivos hostis implantados nas cidades: os “espigões” – também conhecidos como *spikes*⁶ que podem ser observados nas figuras 2 e 3 a seguir.

Figuras 2 e 3 – *Spikes* de concreto sob uma ponte e *spikes* de metal em uma soleira.



Fonte: Daily Mail Reporter (2012); Hometeka (2015).

Nota-se que os dispositivos pontiagudos de concreto (figura 2) sob uma ponte foram implantados em toda a extensão coberta do espaço e sua forma é intimidadora, impedindo os moradores de rua de se abrigar contra intempéries e perigos. Os *spikes* de Guangzhou (figura 2) chamam atenção por sua letalidade, com cerca de 20 centímetros de altura, que provocaram indignação nos cidadãos que expuseram na internet a tentativa do governo de esconder o problema dos moradores de rua (DAILY MAIL REPORTER, 2012). Os *spikes* de metal (figura 3), são muito mais comuns que o anterior. Por serem pequenos e discretos passam despercebidos, mas esses dispositivos são comumente usados nas soleiras de vitrines.

⁶ Geralmente, são pinos de metal projetados no chão, soleiras ou peitoris de vitrines, por exemplo, tendo sua função coercitiva oculta. Apesar de ser possível encontrar esses dispositivos em qualquer superfície que possa servir de assento, eles são comumente encontrados nas vitrines de lojas para evitar que as pessoas se sentem/deitem e bloqueiem a visão; já nos edifícios, eles inibem a presença da população de rua nas portas de acesso (ROSANELI, 2019, p. 241).

Cox e Cox (2015, p. 9-12) expõem que uma das estratégias mais comuns utilizadas para impedir a permanência de moradores de rua, é a segmentação dos bancos através de divisórias que podem ser de metal, madeira, concreto ou qualquer outro tipo de material, impossibilitando que a pessoa possa deitar-se no banco.

Os vasos de plantas também podem se tornar hostis, embora seja mais difícil de distinguir se sua função é apenas de ornamentação ou se elas servem para limitar o espaço. Geralmente, se esses vasos são colocados em grandes quantidades na frente de lojas ou espaços vagos, sua intenção é a mesma de um mobiliário excludente (ROSANELI, 2019, p. 242). Apesar de servir como uma estratégia hostil, a vegetação pode ter um caráter estético e de “ornamentação”. Todavia, as pedras da maneira como estão dispostas na imagem abaixo, não possuem qualquer valor arquitetônico ou estético, já que são meramente elementos excludentes.

Outro método utilizado, mas raro, é o chuveirinho. A estratégia consiste na implantação de um tubo de PVC ligado a uma mangueira acoplada a uma torneira sob marquises de lojas ou edifícios residenciais. Esse dispositivo é acionado no período da noite para molhar as calçadas e evitar que as pessoas se abriguem. E se mesmo assim, pessoas tentarem se alojar no local, um novo jato de água é disparado para afastá-las de vez (SCHMIDT, 2005, p. 31).

Os próprios paraciclos são mobiliários urbanos que podem ser utilizados como dispositivos excludentes. Mesmo tendo como função fixar bicicletas, muitas vezes eles são colocados em áreas mortas onde não são necessários, servindo apenas para expulsar os desabrigados (ROSANELI, 2019, p. 242). Outros artefatos bastante comuns nas cidades são os muros, cercas e barras de ferro, que criam materialmente uma distância social. Esses artefatos atualmente são utilizados, não só por razões de segurança, mas também, por razões estéticas e de status, nomeados de “estética da segurança” (CALDEIRA, 2000, p. 294).

1.3.2 Enclaves fortificados

Caldeira (2000, p. 211) explica que tanto a segregação social como a segregação espacial são características na formação das cidades, organizando o espaço urbano conforme as diferenças sociais, que vão determinar como os grupos sociais se relacionarão no espaço público. A autora define os enclaves fortificados como espaços privados monitorados, sejam eles comerciais, residenciais ou de lazer (CALDEIRA, 2000, p. 11). Os condomínios fechados são os maiores exemplos disso, contudo, os shoppings centers também se encaixam como enclaves, porque funcionam como dispositivos de controle social, onde os consumidores são aceitos com base no seu poder aquisitivo (COX e COX, 2015, p. 2). Essa definição não abrange só os condomínios

fechados, mas também as torres residenciais que ganham forma de arquitetura militar, com muros muito altos e vários artefatos de segurança (ANDRADE, 2011, p. 6).

Dessa forma, os habitantes dos bairros de luxo vão dando outro padrão formal e funcional à arquitetura, que por sua vez, transforma o desenho urbano da cidade. As estratégias de proteção patrimonial são variadas e reproduzem uma arquitetura de caráter medieval/carcerário, por meio de muralhas, por exemplo, mostrando com clareza o medo crescente e a tentativa de escape em relação aos problemas existentes (FERRAZ; FURLONI e MADEIRA, 2006).

Souza (2008, p. 34-37) explica que o aumento da segurança e medidas de vigilância está diretamente ligado ao crime e à violência, ocasionando o enclausuramento e a segregação urbana. Desse modo, nota-se que os enclaves estão mudando as cidades e o modo de viver, trabalhar e morar das classes altas, criando uma barreira que dificulta o alcance do modelo ideal de cidade onde os espaços públicos são coletivos e democráticos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da metodologia apresentada, a análise visa constatar a existência de arquitetura hostil na cidade de Cascavel/PR, para verificar os possíveis impactos no espaço urbano do município. Portanto, a seguir são apresentadas as análises quantitativas e qualitativas do artigo.

4.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

A análise quantitativa indica em números os objetos observados por meio da ferramenta *Google Street View* e que posteriormente foram analisados *in loco* pela autora. Os dados quantitativos e qualitativos foram sintetizados em quadros para melhor compreensão do leitor dentro de três categorias: 1ª mobiliários urbanos e artefatos hostis, 2ª enclaves fortificados e 3ª viadutos.

4.1.1 Mobiliários urbanos e artefatos hostis

Cada uma das 332 quadras do bairro Centro foi observada por meio *Google Street View*, para descobrir a localização dos dispositivos hostis (*spikes*, barreiras, grades, pedras, vasos de plantas, paraciclos, chuveirinhos, etc). Com o propósito de sintetizar os dados obtidos, foi desenvolvido o quadro a seguir, que aponta os recortes analisados e a quantidade de mobiliários e dispositivos hostis encontrados em cada uma das áreas e o número total de elementos identificados.

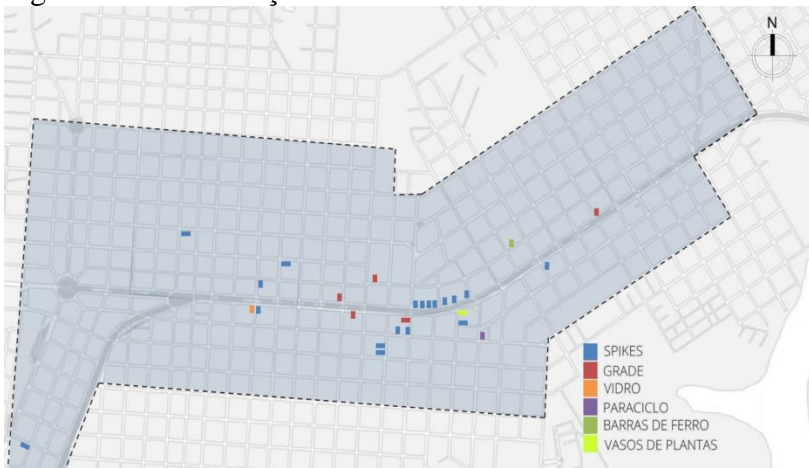
Quadro 1 – Quantificação dos mobiliários e artefatos hostis encontrados.

Recorte	Quantidade	Recorte	Quantidade	Recorte	Quantidade
01	—	04	09	07	03
02	01	05	09	08	—
03	02	06	02	09	01
Total:	27 elementos hostis encontrados				

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Analisando o quadro 1, percebe-se que os recortes 04 e 05 detêm a maior parte dos pontos hostis encontrados localizam-se na Avenida Brasil, nas proximidades da Catedral Metropolitana de Cascavel – antigo calçadão – considerada a área central de toda a cidade, o que conseqüentemente origina um maior fluxo de pessoas, concentrando assim grande número de estabelecimentos comerciais. Observando a figura 4, nota-se que nas demais áreas do bairro, que são predominantemente residenciais, a presença de mobiliários e artefatos hostis é praticamente nula.

Figura 4 – Identificação dos mobiliários e artefatos hostis no bairro Centro.



Fonte: GeoPortal (2020), organizada pela autora.

Por meio da análise, nota-se também que dos 27 elementos apontados, apenas um está implantando em uma edificação residencial, e todos os demais estão instalados em edifícios comerciais. Sendo assim, trata-se de estratégias hostis de caráter privado, sem qualquer indício de interferência no espaço público financiado pelo governo do município.

4.1.2 Enclaves fortificados

Para o estudo dos enclaves fortificados foram definidas três diferentes categorias para análise, que consistem em: condomínios fechados (a pesquisa inclui apenas os condomínios residenciais de alto padrão), shoppings centers e centros comerciais (somente os mais relevantes e conhecidos na cidade de maneira geral). O mapa a seguir, na figura 5 apresenta a localização desses enclaves; em

azul estão destacados os sete condomínios fechados; os cinco pontos verdes são os shoppings centers e por fim, os dois pontos rosa são centros comerciais, totalizando assim, 14 enclaves a serem examinados.

Figura 5 – Localização dos enclaves observados.



Fonte: GeoPortal (2020), organizada pela autora.

Olhando a figura 5, nota-se que dada a dimensão do município, o número de enclaves apontados é relativamente baixo e concentra-se majoritariamente na parte central do mapa, de modo que não são acessíveis para os habitantes de todas as regiões. As extremidades que correspondem às zonas Norte e Sul, acabam sendo prejudicadas, já que o acesso aos serviços prestados nos enclaves torna-se mais dificultoso. Após a análise quantitativa, os dados foram sintetizados no quadro 2, indicando que todos os enclaves possuem algum elemento hostil – seja ele de caráter arquitetônico ou de segurança.

Quadro 2 – Presença de artefatos e dispositivos hostis nos enclaves.

Condomínios fechados		Shoppings centers		Centros comerciais	
Nº	Elemento hostil	Nº	Elemento hostil	Nº	Elemento hostil
01	Sim	08	Sim	13	Sim
02	Sim	09	Sim	14	Sim
03	Sim	10	Sim		
04	Sim	11	Sim		
05	Sim	12	Sim		
06	Sim				
07	Sim				

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Analisando os enclaves *in loco*, verifica-se que por se tratar de edificações de cunho privado, todos os enclaves possuem algum indício de hostilidade principalmente com relação aos elementos de segurança; os condomínios fechados destacam-se pela quantidade de dispositivos.

4.1.3 Viadutos

Para a presente pesquisa foi designada a verificação de todos os 11 viadutos existentes na cidade de Cascavel/PR, localizados entre a BR-467 ao Norte e a BR-277 ao Sul, conforme exibe a figura a seguir (figura 6).

Figura 6 – Pontos onde se encontram os viadutos da cidade de Cascavel.



Fonte: GeoPortal (2020), organizada pela autora.

O objetivo é constatar se artefatos hostis podem ser encontrados nessas estruturas e se confirmada a presença desses elementos, apontar como eles impactam o uso do espaço público. Como nas categorias anteriores, a verificação dos viadutos também consistiu na utilização do *Google Street View*. No entanto, não foi constatado nenhum elemento de hostilidade como sintetiza o quadro abaixo.

Quadro 3 – Presença de artefatos e dispositivos hostis nos viadutos.

Viadutos			
Nº	Elemento hostil	Nº	Elemento hostil
01	Não	07	Não
02	Não	08	Não
03	Não	09	Não
04	Não	10	Não
05	Não	11	Não
06	Não		

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Examinando *in loco* os viadutos, vê-se que nenhum deles possui características da arquitetura hostil, uma vez que os taludes nas margens das rodovias já são uma rampa, dificultando a permanência de qualquer indivíduo, descartando a intervenção com outros métodos hostis. Outro

fator que pode explicar a ausência dos dispositivos é que esses viadutos estão inseridos em vias rápidas, com um tráfego de alta velocidade, tornando perigoso ali abrigar-se. Os viadutos 01, 09, 10 e 11 sequer possuem acostamento, o que naturalmente mantém as pessoas afastadas.

4.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise a seguir trata da 3ª Etapa da pesquisa: a qualitativa, com a finalidade de avaliar como os elementos observados podem causar impactos negativos no espaço urbano. Para a realização dessa etapa, todos os itens da primeira e segunda categorias (mobiliários e enclaves) foram analisados de forma fenomenológica⁷, pontuados em duas escalas: de zero a cinco para os mobiliários e artefatos e de zero a 10 para os enclaves fortificados. A respeito dos viadutos constatou-se na análise quantitativa não há existência de arquitetura hostil; desse modo, não se fez necessária a análise qualitativa dessa categoria.

4.2.1 Mobiliários urbanos e artefatos hostis

A análise qualitativa dos mobiliários e artefatos avaliou em uma escala de zero a cinco a hostilidade dos 27 elementos averiguados posteriormente. A escala de interferência funciona da seguinte maneira: zero – nenhuma, um – muito baixa, dois – baixa, três – média, quatro – alta e cinco – muito alta, sendo que quanto mais próximo de cinco maior o nível de interferência do item estudado no espaço urbano. Adiante no quadro 4 foram exibidos os pontos e classificação dos itens.

Quadro 4 – Interferência dos mobiliários e artefatos.

Spikes			Spikes			Grades			Barras de ferro		
Nº	Pontos	Classificação	Nº	Pontos	Classificação	Nº	Pontos	Classificação	Nº	Pontos	Classificação
01	1	Muito baixa	10	2	Baixa	19	4	Alta	26	3	Média
02	1	Muito baixa	11	3	Média	20	4	Alta	Vasos de plantas		
03	1	Muito baixa	12	2	Baixa	21	4	Alta	27	3	Média
04	3	Média	13	2	Baixa	22	4	Alta	_____		
05	3	Média	14	2	Baixa	23	4	Alta	_____		
06	2	Baixa	15	3	Média	Vidro			_____		
07	3	Média	16	3	Média	24	3	Média	_____		
08	3	Média	17	3	Média	Paracielo			_____		
09	2	Baixa	18	1	Muito baixa	25	3	Média	_____		

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Conforme a pontuação indicada no quadro 4, classificada pela autora, nota-se que dos pontos identificados, as grades são os elementos com maior grau de hostilidade, alcançando uma pontuação

⁷ O método fenomenológico tem como intuito expor os dados e esclarecê-los através da intuição, sem considerar se os dados são de fato reais ou fictícios, isto é, a autora em visitas *in loco* nos locais definiu qual a pontuação e o grau de hostilidade do elemento encontrado no espaço urbano (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 36).

de quatro pontos; contudo, ainda assim, não atingiram a pontuação máxima (cinco pontos). Dos 18 *spikes*, 10 obtiveram pontuação um ou dois, com uma interferência considerada muito baixa ou baixa. Para essa constatação levou-se em conta o tamanho dos dispositivos e o quão agressivos eles podem. Já os artefatos identificados como nível médio de hostilidade (chegando a três pontos), são aqueles cuja inserção não causa tantos impactos, mas tampouco passam despercebidos.

4.2.2 Enclaves fortificados

A análise qualitativa dos enclaves foi feita com base no instrumento de análise de Dias e Jesus (2019). Para verificar o nível de hostilidade, adotou-se uma escala que vai de zero a 10 pontos onde: zero – nenhum, um a dois – muito baixo, três a quatro – baixo, cinco e seis – médio, sete e oito – alto, nove e 10 – muito alto; isso significa que quanto mais próximo de 10, mais hostil o enclave é. Dito isto, foram sintetizados no quadro 5 os pontos e classificação dos enclaves estudados.

Quadro 5 – Nível de hostilidade dos enclaves fortificados.

Condomínios fechados			Shoppings centers			Centros comerciais		
Nº	Pontuação	Classificação	Nº	Pontuação	Classificação	Nº	Pontuação	Classificação
01	6	Médio	08	3	Baixo	13	4	Baixo
02	5	Médio	09	5	Médio	14	3	Baixo
03	5	Médio	10	4	Baixo			
04	6	Médio	11	3	Baixo			
05	7	Alto	12	2	Muito baixo			
06	7	Alto						
07	6	Médio						

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Percebe-se que nenhuma das edificações alcançou a pontuação máxima. Apesar disso, as pontuações mais altas foram atingidas pelos condomínios fechados chegando até sete pontos. Isso mostra uma grande preocupação das pessoas, a fim de se proteger do crime. Os shoppings centers apresentaram os menores números, já que o fluxo de pessoas, naturalmente torna-se uma barreira. Tanto em relação aos elementos arquitetônicos quanto aos elementos de segurança, observa-se que nenhum dos enclaves possui todos os itens listados. Na observação *in loco* repara-se a presença de elementos de segurança em todas as edificações, em especial, os alarmes e as câmeras.

4.3 RESULTADOS DAS ANÁLISES

Diante das análises realizadas, tem-se como resultado o entendimento da relação entre a arquitetura hostil e as consequências causadas no espaço urbano. No que se refere aos mobiliários

urbanos e artefatos hostis, dos 27 objetos estudados apenas cinco obtiveram mais de três pontos, com uma classificação maior do que a média, mas ainda assim, a pontuação máxima não foi atingida. Considerando que foram verificadas 332 quadras e somente 27 artefatos hostis encontrados, pode-se dizer que a hostilidade dessa categoria é baixa. No entanto, 26 destes estão em localizados na região da Avenida Brasil, onde há um grande número de estabelecimentos comerciais. Nas regiões predominantemente residenciais próximas ao limite do perímetro do bairro, averiguou-se apenas um dispositivo.

Enquanto isso, dos 14 enclaves investigados, sete alcançaram até cinco pontos sendo classificados com baixo nível de hostilidade, diferentemente dos outros sete enclaves (todos condomínios fechados) que atingiram até sete pontos, nível alto de hostilidade. Isso indica que de maneira geral, existe medo em relação à criminalidade e aos indivíduos de outras classes sociais, criando uma barreira onde alguns cidadãos optam por morar em condomínios e refugiar-se nessas fortalezas, onde a segurança patrimonial é primordial. Apesar disso, vale aqui destacar que essa categoria também não chegou ao maior grau de hostilização.

Das três categorias, a dos viadutos foi a única que não apresentou qualquer indício de arquitetura hostil. O fato de encontrarem-se implantados em vias rápidas pode ser uma das razões, já que poucas pessoas circulam a pé por esses lugares, isso sem contar que a estrutura desses lugares é mais inadequada para se abrigar comparada com a estrutura disponível no bairro Centro; logo, hostilizar ainda mais os viadutos não é necessário mesmo que fosse uma vontade do poder público, o que não é o caso.

Com base nessas informações, verificou-se que todas as formas de hostilidade encontradas na cidade de Cascavel/PR ocorreram através de iniciativas de cunho privado. Não se constatou nenhuma estratégia implantada pelo governo municipal.

Assim sendo, entende-se que a arquitetura hostil em uma cidade de médio porte afeta o espaço urbano em uma proporção menor em relação às grandes cidades e mesmo que em menor escala; buscar proteção individual refletirá como a arquitetura da cidade se desenvolverá e aliada às desigualdades sociais tenderá a extinguir a relação dos cidadãos com o espaço urbano e limitar a integração entre as diferentes classes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como propósito revelar como a Arquitetura e o Urbanismo são fundamentais no âmbito social, cultural, acadêmico e profissional, visando uma sociedade mais

justa e inclusiva. A pesquisa teve como objetivo geral verificar se há arquitetura hostil nas cidades de médio porte e como ela afeta a construção de cidades acessíveis para todos.

Os objetivos específicos listados foram atingidos, sendo que inicialmente apresentaram-se os fundamentos da arquitetura e do urbanismo, que são a base para a formação do profissional arquiteto e urbanista, resgatando sua importância na origem e desenvolvimento das cidades até hoje e a seguir a cidade onde foi realizado o estudo de caso.

Adiante, foi esclarecida a metodologia de pesquisa utilizada no trabalho e as três etapas da análise que ocorreram por meio da coleta de dados *in loco*. Na primeira etapa, ocorreu a definição das três categorias a serem observadas: os mobiliários e artefatos hostis, os enclaves fortificados e os viadutos. Em seguida, na segunda etapa, foi realizada uma análise quantitativa dos elementos encontrados. Na terceira e última etapa, realizou-se a análise qualitativa que, através de pontuações estabelecidas pela autora, com base nas visitas realizadas *in loco*, foram detectados os efeitos da hostilidade dos dispositivos hostis. A partir disso, obtiveram-se os resultados do trabalho que indicaram que todas as estratégias de hostilização encontradas na cidade de Cascavel/PR, são financiadas e implantadas por cidadãos que, inseguros, preferem se isolar, vivendo em áreas altamente monitoradas e protegidas.

Em seguida, por meio da contextualização da expressão arquitetura hostil e sua finalidade, e a apresentação dos artefatos e elementos hostis, é possível compreender como a arquitetura tomou um rumo diferente daquilo que deve ser sua função: servir de abrigo, e se tornou um agente propagador da segregação socioespacial, acentuando os problemas da sociedade e moldando o comportamento das pessoas no espaço urbano.

Como exposto por Andreou (2015), o que mais impressiona nesse tipo de arquitetura é que na maioria das vezes, ela não é um incidente, mas sim um processo de concepção no qual existem pessoas responsáveis por projetar, aprovar e financiar esses elementos explícitos excludentes. Esse processo evidencia como a preocupação com a higienização das cidades e a naturalização do fenômeno pela sociedade, ignora as condições humanas. Como colocado por Gehl (2010, p. 11), “nós moldamos as cidades, e elas nos moldam”; sendo assim, tornar as cidades mais hostis, nos tornará mais hostis dentro delas, afetando a relação com espaço urbano.

Resgatando o problema inicial da pesquisa: é possível notar a arquitetura hostil em cidade de médio porte e quais as suas consequências? Pode-se confirmar que existe arquitetura hostil nas cidades de médio porte e, no caso de Cascavel/PR, suas consequências são relativamente pequenas, visto que não foram observadas atitudes hostis por parte do governo municipal, e sim, por parte dos próprios cidadãos que, inseguros e com medo da criminalidade, tornam-se adeptos das medidas de hostilidade por meio dos mobiliários e artefatos e por vezes, optam por viver em enclaves. A

solução encontrada é uma procura individual incessante por proteção que se reflete na arquitetura e associada às questões sociais e econômicas tendem a criar um espaço urbano hostil. Desse modo, é possível validar as duas hipóteses iniciais: a arquitetura hostil existe nas cidades de médio porte, mas em uma escala menor e existe em razão da violência e do crime da contemporaneidade, que causam a propagação da segregação socioespacial, contribuindo para a deterioração dos espaços públicos.

Dessa forma, ao concluir a pesquisa, a autora percebeu a necessidade de conhecimento e consciência por parte da sociedade em relação à temática, que é tão pouco abordada. Afinal, cidade para quem? Para quem são as cidades? A partir de que momento, a cidade passou a pertencer somente a algumas classes, enquanto outras foram esquecidas? Com base nesses questionamentos a pesquisa tem como propósito ampliar a discussão no meio acadêmico, visto que, cabe ao profissional arquiteto e urbanista ser um agente de mudança social, auxiliando na concepção de um olhar coletivo e vivência mais empática na construção das cidades contemporâneas. A arquitetura hostil nada mais é que uma maneira de camuflar os problemas do espaço urbano, em uma tentativa de afastar as pessoas consideradas indesejadas; porém, a instalação dos elementos hostis não fará com que as questões sociais, econômicas e políticas que originam as desigualdades sociais, deixem de existir.

A questão que fica é: por que ao invés de tentar solucionar essas desigualdades com uma arquitetura hostil, não praticamos a gentileza urbana, quando com pequenas atitudes a arquitetura pode impactar positivamente a vida em sociedade? Enquanto arquitetos e urbanistas não temos poderes para resolver todas as questões de desigualdade enraizadas há muitas décadas, mas, sem dúvidas, podemos e devemos fazer o possível para planejar e projetar cidades mais gentis, dignas e acessíveis para todo mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Patricia Alonso de. Quando o design exclui o Outro: dispositivos espaciais de segregação e suas manifestações em João Pessoa PB. **Arquitextos**, São Paulo, ano 12, n. 134.05, Vitruvius, jul. 2011. Disponível em: <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.134/3973>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ANDREOU, Alex. Anti-homeless spikes: 'Sleeping rough opened my eyes to the city's barbed cruelty'. **The Guardian**, v. 19, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/society/2015/feb/18/defensive-architecture-keeps-poverty-undeen-and-makes-us-more-hostile>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.

CASCADEL. **Diagnóstico do Plano Diretor**. 2016. Disponível em: <<https://portaldosmunicipios.pr.gov.br/download/public/arquivos/documentos/58/2019/02/28/X73ID6W4UkajKLhXZFZoOMuf2UcX17eQksXaDnRt.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2020.

_____. **Abordagem a pessoas em situação de rua é tema de reunião na Presidência**. 2019. Disponível em: <<https://www.camaracascavel.pr.gov.br/noticias/item/8296-abordagem-a-pessoas-em-situacao-de-rua-e-tema-de-reuniao-na-presidencia.html>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

_____. **Casa de Passagem para População em Situação de Rua**. s/d a. Disponível em: <<http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/cultura/subpagina.php?id=736>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

_____. **Portal do Cidadão - Município de Cascavel**. s/d b. Disponível em: <<https://cascavel.atende.net/#!/tipo/pagina/valor/2>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

CATVE. **Frio: Assistência Social intensifica abordagens a pessoas em situação de rua**. 2019. Disponível em: <<https://www.catve.com/noticia/6/257249/frio-assistencia-social-intensifica-abordagens-a-pessoas-em-situacao-de-rua>>. Acesso em: 05 mai. 2020.

COX, Maria Inês Pagliarini; COX, Elisa Pagliarini. Interdições ao corpo no corpo da cidade: arquitetura, urbanismo, discurso e controle social. **Revista Linguagem**, v. 24, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/161/130>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

DAILY MAIL REPORTER. Well that's one solution to people sleeping rough! China puts down concrete spikes to stop beggars dossing under city bridges. **Dailymail**, 2012. Disponível em: <<https://www.dailymail.co.uk/news/article-2168175/Are-lethal-concrete-spikes-stop-beggars-sleeping-city-bridges-REALLY-Chinas-best-option-stop-homeless-problem.html>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

DIAS, Shayenne Barbosa; JESUS, Cláudio Roberto de. Cidade hostil. **Revista GEOgrafias**, v. 27, n. 1, p. 26-50, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/geografias/article/view/19738/16473>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **Apostila de estudos: História da Arquitetura I**. Cascavel: CAUFAG, 2010.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei; CABRAL, Fabiana de Matos Carvalho; FURLONI, Camila Bezerra; MADEIRA, Camila Siqueira. Arquitetura da Violência: os custos sociais da segurança privada. **XI Encontro Nacional Da ANPUR**, p. 1-19, 2005. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/662p.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei; FURLONI, Camila Bezerra; MADEIRA, Camila Siqueira. Arquitetura da violência: morar com medo nas cidades. Quem tem medo de que e de quem nas cidades brasileiras contemporâneas. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 5, n. 13, p. 54-84, 2006. Disponível em: <<https://www.monografias.com/pt/trabalhos/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas/arquitetura-violencia-cidades-contemporaneas2.shtml>>. Acesso em: 02 abr. 2020.

FERRAZ, Sonia Maria Taddei; ACIOLY, Leticia Lyra; BENAYON, Julia Silva; MENDONÇA, Paula Ramos C. C; ROSADAS, Luiz Gustavo Campos. Arquitetura da violência: a arquitetura antimendigo como eureka da regeneração urbana. **Movimento - Revista de Educação**, n. 3, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32563/18698>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

GAZETA DO POVO. **10 cidades concentram 42% da população do PR**. Veja o ranking das mais populosas. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/parana/populacao-maiores-menores-cidades>>. Acesso em: 31 out. 2020.

GEHL, Jan. **Cidade Para Pessoas**. Perspectiva: São Paulo, 2010.

GEOPORTAL. **Governo Municipal de Cascavel**. 2020. Disponível em: <<http://geocascavel.cascavel.pr.gov.br/geo-view/index.ctm>>. Acesso em: 02 mai. 2020.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GYMPEL, Jan. **História da Arquitetura**: da Antiguidade aos nossos dias. Alemanha: Könemann, 2001.

HOMETEKA. **Arquitetura hostil**: 9 imagens para entender como as cidades não são feitas para todos. 2015. Disponível em: <<https://www.hometeka.com.br/pro/arquitetura-hostil-9-imagens-para-entender-como-as-cidades-nao-sao-feitas-para-todos/#jp-carousel-31909>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

IBGE. **IBGE Cidades – Cascavel – Paraná**, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/cascavel/panorama>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

LEITE, Tiago Pereira. Violência e políticas públicas para juventude: aproximações entre os casos de Medellín e Cascavel. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, v. 13, n. 1, p. 27-44, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/5142/514252949002/514252949002.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

MELGAÇO, Lucas. **Securização urbana**: da psicosfera do medo à tecnoesfera da segurança. 2010. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-04022011_105832/publico/2010_LucasMelgaco.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2020.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 2002.

PETTY, James. The London spikes controversy: Homelessness, urban securitisation and the question of ‘hostile architecture’. **International Journal for Crime, Justice and Social Democracy**, v. 5, n. 1, p. 67, 2016. Disponível em: <<https://www.crimejusticejournal.com/article/view/792/550>>. Acesso em: 18 mar. 2020.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROSANELI, Alessandro Filla. **Olhares pelo espaço público**. 1 ed. Curitiba: Setor de Tecnologia da UFPR, 2019. Disponível em: <http://www.tecnologia.ufpr.br/portal/observatorioidoespacospublico/wp-content/uploads/sites/36/2019/10/LIVRO_2019_VF.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SAVICIC, Gordan; SAVIC, Selena. Unpleasant Design. Designing Out Unwanted Behaviour. **5th STS Italia Conference**. A Matter of Design: Making Society through Science and Technology. Milan, 14 p, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/7475506/Unpleasant_Design._Designing_Out_Unwanted_Behaviour>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SCHMIDT, Selma. Chuveirinho vira arma para espantar mendigo. **O Globo**, 2005. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/390687/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

SILVA, Gabriel Oliveira de. **Gentrificação e higienização social**: um estudo de caso acerca do desvirtuamento do instituto da desapropriação. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito), Faculdade Baiana de Direito. Salvador. Disponível em: <<http://portal.faculdadebaianadedireito.com.br/portal/monografias/Gabriel%20Oliveira%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

SOUZA, Eduardo; PEREIRA, Matheus. Arquitetura hostil: A cidade é para todos? **ArchDaily Brasil**, 2018. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/888722/arquitetura-hostil-a-cidade-e-para-todos>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

SOUZA, Marcelle Machado. **Sorria você está sendo filmado**: a consolidação de uma sociedade de controle sobre o direito fundamental à privacidade e sobre as formas de interação espontânea e participação democrática nos espaços públicos e privados. 2008. Dissertação (Mestrado Departamento de Direito), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/teste/arqs/cp113697.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel**: a história. Curitiba: Lagarto Editores, 1992.

TAVARES, Diego Amador. Arquitetura da violência: Um estudo sobre insegurança pública em Belém em meio à segregação social e a cultura da barbárie. **3º Encontro da Região Norte da Sociedade Brasileira de Sociologia: Amazônia e Sociologia: fronteiras do século XXI**. Manaus, 2012. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/20565712-Arquitetura-da-violencia-um-estudo-sobre-inseguranca-publica-na-cidade-de-belem-em-meio-a-segregacao-social-e-a-cultura-da-barbarie.html>>. Acesso em: 06 mai. 2020.

VALMORBIDA, Leomar. **Densidade urbana e populacional e seus efeitos multitemporais na cidade de Cascavel/PR**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geomática), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/9553/VALMORBIDA%2c%20LEOMAR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 abr. 2020.